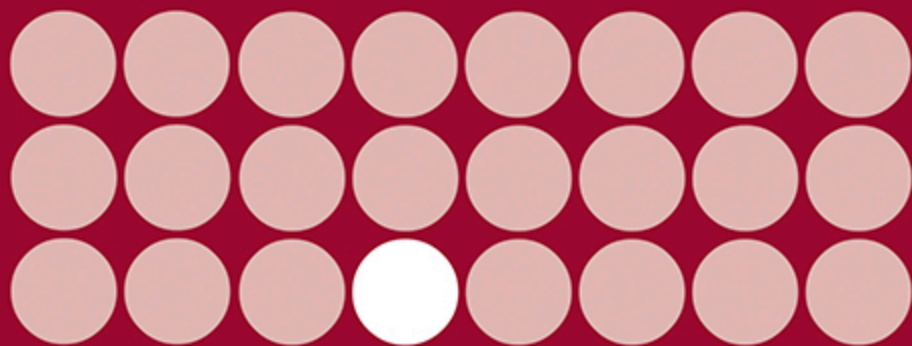


Daniel

Introdução
e comentário

Joyce G. Baldwin



· SÉRIE CULTURA BÍBLICA ·  VIDA NOVA

CONTEÚDO

Prefácio Geral	5
Prefácio da Edição em Português	7
Prefácio da Autora	9
Abreviaturas Principais	12
INTRODUÇÃO	15
I Uma Olhada Preliminar no Livro	20
II Questões Históricas	21
III As Línguas Originais	32
IV A Data e a Unidade do Livro	38
V Gênero Literário	50
VI Estrutura	64
VII Interpretação	68
VIII Texto e Cânon	73
IX Algumas datas de Importância para o Livro de Daniel	78
X Fragmentos de Manuscritos de Daniel encontrados em Qumran	79
XI Outros Documentos relacionados com Daniel	80
ANÁLISE	81
COMENTÁRIO	82
NOTAS ADICIONAIS	
A Estátua do Sonho de Nabucodonosor	102
A Oração de Nabonido	124
Filho do Homem	157
Algumas Interpretações das Setenta Semanas	182

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

- ANEP** *The Ancient Near East in Pictures*², editado por J. B. Pritchard, 1969.
- ANET** *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*², editado por J. B. Pritchard, 1955 (³1969).
- ARA** Almeida Revista e Atualizada.
- ARC** Almeida Revista e Corrigida.
- aram.** aramaico.
- art.** artigo.
- AV** English Authorized Version (Versão Autorizada Inglesa), 1611.
- BA** *The Bible Archaeologist*.
- BJ** Bíblia de Jerusalém.
- BASOR** *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*.
- BV** A Bíblia Viva.
- c.** cerca de.
- CB** *Cambridge Bible: The Book of Daniel*, por S. R. Driver, 1900.
- CBQ** *Catholic Biblical Quarterly*.
- cf.** conforme.
- Delcor** *Le Livre de Daniel*, por M. Delcor, 1971.
- DNTT** *The New International Dictionary of New Testament Theology*, editado por Colin Brown (3 vols., 1975, 1976, 1978).
- DOTT** *Documents from Old Testament Times*, editado por D. Winton Thomas, 1958.
- EQ** *Evangelical Quarterly*.
- ET** *Expository Times*.
- FSAC** *From the Stone Age to Christianity*, por W. F. Albright, 1957.
- gr.** grego.
- HDB** *Dictionary of the Bible*, editado por J. Hastings (5 vols.), 1911.
- H, heb.** hebraico.
- IB** *The Interpreter's Bible* VI, 1956.
- ICC** *International Critical Commentary: The Book of Daniel*, por J. A. Montgomery, 1927.

- IDB* *The Interpreter's Dictionary of the Bible* (4 vols.), 1962.
i.e. isto é.
- IEJ* *Israel Exploration Journal*.
- IOT* *Introduction to the Old Testament*, por R. K. Harrison, 1970.
- JBL* *Journal of Biblical Literature*.
- JCS* *Journal of Cuneiform Studies*.
- JNES* *Journal of Near Eastern Studies*.
- JSJ* *Journal for the Study of Judaism*.
- JSS* *Journal of Semitic Studies*.
- JTC* *Journal for Theology and the Church*.
- JTS* *Journal of Theological Studies*.
- KB* *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*, por L. Koehler e W. Baumgartner, 1958.
- Lacocque *Le Livre de Daniel*, por A. Lacocque, 1976.
- LOT* *Introduction to the Literature of the Old Testament*, por S. R. Driver, 1909.
- LXX* Septuaginta (tradução grega pré-cristã do Antigo Testamento).
mg. margem, referência marginal.
- NDB* *O Novo Dicionário da Bíblia*, editado por J. D. Douglas (3 vols.), 1962 (trad. port. 1966).
- NDITNT* *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, trad. port. de *DNTT*, em curso (vol. I, 1981, vol. II, 1982, vol. III, 1983).
- NEB* The New English Bible.
- NIV* The New International Version.
- NPOT* *New Perspectives on the Old Testament*, editado por J. Barton Payne, 1970.
- NTS* *New Testament Studies*.
- PCB*² *Peake's Commentary on the Bible* (Edição Revisada), editado por M. Black e H. H. Rowley, 1962.
- Porteous *Daniel. A Commentary*, por N. W. Porteous, 1965.
- POTT* *Peoples of Old Testament Times*, editado por D. J. Wiseman, 1973.
- 1Qp Hab *Comentário de Habacuque*, de Qumran.
- 1Q M *A Regra da Guerra*, de Qumran.
- RB* *Revue Biblique*.
- RQ* *Revue de Qumran*.
- RSV* American Revised Standard Version, 1952.
- RV* English Revised Version, 1881.

- TBC* *Torch Bible Commentary: Daniel*, por E. W. Heaton, 1956.
- TDNT* *Theological Dictionary of the New Testament*, editado por R. Kittel/G. Friedrich (10 vols.), 1964-1977.
- TEV* Today's English Version.
- TM* Texto Massorético.
- VT* *Vetus Testamentum*.
- Vulg.* Vulgata (tradução latina da Bíblia, feita por Jerônimo).
- ZAW* *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*.

INTRODUÇÃO

O livro de Daniel é diferente do resto dos livros que compõem o Antigo Testamento. Isso fica evidente mesmo para o leitor sem especialização teológica. Embora se encontre, em nossas Bíblias portuguesas, entre os profetas, não contém mensagens proclamadas em nome do Senhor, à maneira dos profetas; nem se trata de um livro histórico no sentido em que o são os livros de Reis, embora comece a partir de um ponto na história e se mostre claramente interessado nela. Usando sonhos e visões, sinais, símbolos e números ele parece estar declarando o curso da história e chamando atenção ao seu significado, mapeando seu curso à medida em que ela se encaminha ao seu final. Em linguagem técnica o livro é, portanto, escatológico (gr. *eschaton*, fim). Tal como os primeiros capítulos de Gênesis, é universal em seu escopo, apresentando ainda uma abrangente visão do tempo histórico. Isso se torna possível por meio de uma série de visões especiais que revelam a Daniel o propósito de Deus para o mundo. Tal desvendamento da história a partir de uma perspectiva divina é uma característica saliente da literatura apocalíptica (gr. *apokalypsis*, revelação), um tipo de literatura com a qual Daniel é usualmente identificado e à qual será necessário que retornemos mais adiante para uma consideração mais ampla, à luz de estudos recentes.

Por mais diferente que o livro possa ser em seus conceitos e métodos, há uma continuidade teológica com a lei e os profetas, especialmente na sua pressuposição de que o Deus que deu início à vida humana controla a história e a levará ao termo por Ele designado. Entre todas as nações, somente em Israel tal compreensão da história era possível; pois somente a Israel Deus se havia dado a conhecer. Não que a história de Israel fosse em algum sentido uma super-história; pelo contrário, era uma história bem comum, passível de verificação por referência à das nações ao seu redor. Seu conhecimento de Deus, contudo, que tinha importância para a sua existência como uma nação, e, em particular, sua herança das promessas de Deus, lhe davam uma perspectiva histórica e um meio de interpretar os eventos. “A tensão entre promessa e cumprimento faz história. O desenvolvimento

DANIEL

da maneira israelita de escrever a história se distingue pelo fato de o horizonte dessa história se tornar cada vez mais amplo, e o espaço de tempo compreendido por promessa e cumprimento cada vez mais extenso”.¹ Assim, o livro de Daniel estende o curso da história até à sua conclusão. A profecia mirava em direção a um alvo, estando porém usualmente limitada ao cumprimento na história das promessas feitas a Israel. A perspectiva mais ampla de Daniel aplica o tema promessa-cumprimento a todas as nações, como o fez, com efeito, o autor de Gênesis 12:3, e contempla o tempo do fim e a realização final do propósito de Deus para o mundo que criou.

Sentindo-se isso, não é de causar surpresa que cristãos novos, e especialmente os que se dão conta de serem minoria dentro de uma sociedade hostil, são particularmente atraídos a este livro. “Por favor, termine primeiro as notas sobre Daniel e então siga adiante em Gênesis”, escreveram pessoas das tribos Lisu, na Tailândia, a alguém que estava empenhado no preparo de literatura na sua linguagem.² Era parte da herança de Israel o ter como certo que nada podia ser obstáculo ao propósito de Deus, fosse qual fosse a ameaça à sua vida nacional. E é privilégio do cristão saber que as portas do inferno não prevalecerão, enfim, contra a igreja de Deus. Ser privado de saber isso é estar, realmente, desamparado como bem o sabe o governo marxista que proíbe a pregação sobre as coisas do porvir nos sermões das igrejas. Há, de fato, uma razão mais sutil para cortar toda e qualquer referência a livros como Daniel, pois estes enfraquecem a confiança em governos humanos de um modo geral e, em particular, naqueles que dependem de uma tirania soberba e arrogante. Quem dera a igreja levasse tão a sério como os comunistas o ensino positivo deste livro, beneficiando-se assim do incentivo que ele dá ao serviço corajoso e confiante.

Na verdade o livro de Daniel esteve sob eclipse no mundo da teologia acadêmica por mais de um século. Não precisamos ir longe para buscar a razão disso, pois “a herança da erudição bíblica do século dezanove nos deixou hipotecados na esfera apocalíptica”.³ A escola do criticismo literário de Wellhausen e Duhm colocou critérios de aceitabilidade que excluíram os livros apocalípticos e relegaram a profecia pós-exílica em geral a um lugar de menor importância. Assim, para ser aprovado, um livro

(1) W. Pannenberg, *Basic Questions in Theology*, I (SCM Press, 1970), p. 19.

(2) Artigo publicado em *East Asia Millions*, boletim da Overseas Missionary Fellowship, dezembro de 1973.

(3) K. Koch, *The Rediscovery of Apocalyptic* (SCM Press, 1972), p. 36.

do Antigo Testamento tinha que falar em termos históricos para uma situação historicamente constatável. Os profetas do século oitavo, por exemplo, podiam ser vistos se dirigindo à situação política, econômica e religiosa dos seus dias⁴ e na medida em que o faziam sua mensagem era aceita como autêntica. Quando parecia que se desviavam, como por exemplo quando olhavam adiante para uma era de prosperidade e bênção, tais passagens eram julgadas como inautênticas, acréscimos de um editor posterior. Por este critério uma boa parte da literatura profética se tornou pouco valorizada, especialmente os textos que não podiam ser datados com segurança pelo fato de alusões históricas serem usadas como artifícios literários para transmitir os “insights” espirituais do profeta. Foi esse o caso com Zacarias 9-14, uma parte muito negligenciada da literatura profética, e com algumas seções do livro de Isaías, tais como os capítulos 24-27, que pareciam não se encaixar dentro do contexto histórico do século oitavo a.C. Tornou-se inclusive costume a postulação de um grande hiato entre o exílio e o Novo Testamento, sendo toda a profecia desse período considerada de status inferior, destituída de originalidade e em grande parte uma imitação de obras mais antigas e melhores. A sorte da literatura apocalíptica foi ainda pior, sendo considerada como uma tentativa desesperada de fazer reviver as esperanças quando tudo estava perdido; era estimada como sendo o resultado de especulação humana, escrita “para satisfazer a curiosidade humana, sem nenhum interesse na salvação”.⁴

Apesar dessa corrosiva influência vinda do Continente, houve eruditos na Grã-Bretanha que se devotaram à literatura apocalíptica, notavelmente R. H. Charles, cujo livro *Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament* publicado em 1913, tornou disponíveis os textos de livros que de outra forma seriam inacessíveis, acrescentando a eles um comentário e provendo, com isso, um vasto pano-de-fundo para o seu comentário sobre Daniel. *The Relevance of Apocalyptic*, de H. H. Rowley (1944)*, *Old Testament Apocalyptic* de S. B. Frost (1952) e *The Method and Message of Jewish Apocalyptic*, de D. S. Russell (1964), continuaram a manter o assunto na pauta, sem contudo restaurar a confiança no valor intrínseco da apocalíptica bíblica. Uma mudança nesse estado de coisas

(4) O. Cullmann, *Salvation in History* (SCM Press, 1967), p. 80. Cullmann se dissocia deste ponto-de-vista, e argumenta por um uso neutro em oposição a um uso depreciativo do termo “apocalíptico”.

(*) Trad. portuguesa *A Importância da Literatura Apocalíptica* (Ed. Paulinas, 1980).

haveria de ocorrer dentro das fileiras daqueles que estabeleceram a escola do criticismo literário, a saber, os teólogos das universidades da Alemanha.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial tal mudança vem se fazendo sentir, e evidências dela chegaram ao mundo de fala inglesa por meio das traduções das obras de Wolfhart Pannenberg, da Universidade de Mainz. No mínimo podemos dizer que a antiga posição, de há muito arraigada, foi efetivamente desafiada. Na opinião de Klaus Koch, “Com Wolfhart Pannenberg o renascimento da apocalíptica na teologia de pós-guerra teve seu início” . . . “Ele leva a uma expressa aceitação, não apenas das idéias apocalípticas mas do quadro total do apocalipticismo”.⁵

A razão para uma reviravolta tão grande é que Pannenberg desafiou as várias pressuposições com relação à história que sustentavam o antigo ponto-de-vista. Entre estas estão a “análise histórico-crítica como a verificação científica dos eventos”, a qual parece que não deixava nenhum lugar para os eventos redentivos; a teologia existencial que dissolve a história transformando-a na “historicidade da existência”, e a idéia de que o conteúdo real da fé é supra-histórico.⁶ Ele argumenta que a história como realidade é acessível através da revelação bíblica, e que a história necessita de um horizonte universal para que eventos individuais possam ser apreciados em sua significação total. “Sem história mundial não há sentido na história”. “Somente um ponto-de-vista baseado na história mundial pode prover uma base adequada para a divisão do curso da história em períodos”.⁷ Embora Pannenberg se refira não a tais divisões de tempo como ocorrem em Daniel mas às divisões de caráter mais geral que criam as seções de um manual de história, o que ele está dizendo tem uma relação importante com toda a literatura na Bíblia que chamamos de “apocalíptica”. Assim, em sua compreensão da história, Daniel, longe de ser relegado a um papel secundário, se coloca na interseção entre os Testamentos, na encruzilhada da história. Faz parte do considerável volume de literatura que faz a ponte entre o Antigo Testamento e o Novo, e assim provê uma necessária preparação para a compreensão do ministério de Jesus.

Temos que esperar para ver se o movimento centrado em torno de Pannenberg vai conseguir mudar o pensamento teológico na Alemanha a ponto de os preconceitos de mais de um século darem lugar a uma apre-

(5) K. Koch, *op. cit.*, p. 101.

(6) Para uma exposição completa dessa tese veja Pannenberg, *op. cit.*, pgs. 69 e segs.

(7) *Ibid.*, p. 69.

ciação positiva da literatura apocalíptica da Bíblia. Klaus Koch é otimista com relação a isso: "Através das tentativas de compreender uma nova maneira o obscuro poder da apocalíptica, um novo movimento fez de modo ineludível sua entrada na teologia; um movimento que poderá ser salutar, se trouxer como consequência uma diligente elaboração e avaliação do material".⁸ Voltar a estudar o livro de Daniel, portanto, é algo que vem bem a tempo; mas não somente por causa do pensamento atual no mundo erudito. A igreja toda tem necessidade da espécie de reafirmação que um estudo deste livro pode trazer, e não menos em vista das reivindicações marxista de possuírem a chave da história e de serem capazes de produzir, por estratégia humana, um utópico governo mundial. Não é de se assombrar que a igreja se torne derrotista quando põe de lado uma parte importante da compreensão bíblica da história. Além do mais, sua evangelização se torna inefetiva sem a mensagem dos livros apocalípticos. Quando a igreja deixa uma parte da sua mensagem fugir, por negligência, as pessoas vão procurar um substituto em outro lugar. A igreja só tem de acusar a si mesma se, na mente de muitos, a fé numa dialética impessoal tomou o lugar da fé no Poderoso Deus como o controlador da história. O secularismo nega o sobrenatural. Razão tanto mais forte, então, por que a igreja necessita de contar com as certezas e convicções proclamadas em Daniel, de que Deus está constantemente governando e julgando as questões humanas, derrubando os poderosos dos seus tronos, subvertendo regimes injustos e trazendo efetivamente o Seu reino, que abarcará todas as nações. Uma plena e confiante proclamação do propósito de Deus para o todo da história tem de ser ouvida sem demora.

Asseverar tanta coisa, contudo, é parecer ingênuo, como se fosse fácil expôr um livro que tem, ao menos em certas passagens-chave, desbaratado os mais aptos expositores. As opiniões estão divididas em quase cada assunto. O caminho a seguir deverá ser, portanto, dar conta dessas diferenças de opinião, apresentá-las tão objetivamente quanto possível, juntamente com as razões que lhes são subjacentes, e indicar o que parece a mim ser o trilho certo que expõe a verdade.

(8) K. Koch, *The Rediscovery of Apocalyptic*, p. 131.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.